



MAL-ESTAR E NEGRITUDE UMA LEITURA PSICANALÍTICA

EL MALESTAR Y LA NEGRITUD UNA LECTURA PSICOANALÍTICA

DISCLAIMER AND NEGRITUDE A PSYCHOANALYTIC READING

Dias, Janaína Carneiro¹

Faria, Suely Pereira de²

Resumo

A Psicanálise demonstra preocupação com a influência do meio social na constituição do indivíduo, servindo como ferramenta de pesquisa e análise. O ser humano constitui seu mundo interno através do processo histórico e social, sendo a subjetividade o modo singular que cada indivíduo possui de enxergar a si e o mundo que está inserido. Este trabalho investigou como o ideal social pode gerar mal-estar no processo subjetivo de pessoas negras e como esse mal-estar influencia a identidade de grupo. Na perspectiva freudiana, o mal-estar é entendido como uma constante privação de desejos individuais em prol de um coletivo. O ideal social relaciona-se a um modelo normativo, eleito de acordo com a cultura, ou grupo podendo ser gerador de angústia e mal-estar à medida, que os indivíduos que compõe determinada cultura/grupo, não correspondem ao padrão estipulado. Em outros termos, pessoas negras ao se afastarem do ideal postulado socialmente, experimentam, diversos sentimentos negativos, tais como inferioridade e baixa autoestima. Uma das respostas é a formação dos grupos militantes, que visam por meio da conscientização do racismo à emancipação da população negra, resgatando através de lutas e resistências, à originalidade cultural, possibilitando pertencimento, liberdade e representatividade aquele que ainda é tão silenciado socialmente.

Palavras-chave: Racismo; Psicanálise; Mal-estar; Ideal social; Sociedade.

Resumen

El psicoanálisis muestra preocupación por la influencia del medio social en la constitución del individuo. El ser humano constituye su mundo interior a través del proceso histórico y social, siendo la subjetividad la única forma que tiene cada individuo de verse a sí mismo y al mundo en el que está inserto. Objetivo: Cómo el ideal social puede generar malestar en el proceso subjetivo de los negros y cómo este malestar influye en la identidad grupal. El malestar se entiende como una privación constante de los deseos individuales a favor de un

¹ Centro Universitário Alves Faria – (Unialfa), Goiânia – Goiás – Brasil. Acadêmica do Curso de Psicologia. E-mail: jdayz.psi@gmail.com

² Centro Universitário Alves Faria – (Unialfa), Goiânia – Goiás – Brasil. Docente do Curso de Psicologia. E-mail: suely.faria@unialfa.com.br



colectivo. El ideal social relacionase a un modelo normativo, elegido según la cultura/grupo, lo que puede generar angustia y malestar en la medida en que los individuos que integran una determinada cultura/grupo no se correspondan con el estándar estipulado. Las personas negras, al alejarse del ideal socialmente postulado, experimentan varios sentimientos negativos, como inferioridad y baja autoestima. Una de las respuestas es la formación de grupos militantes, que apunten a través de la conciencia del racismo a la emancipación de la población negra, rescatando la originalidad cultural a través de las luchas y resistencias, posibilitando la pertenencia, la libertad y la representatividad a quienes silenciados socialmente.

Palabras clave: *racismo, psicoanálisis, malestar, ideal social, sociedad.*

Abstract

Psychoanalysis shows concern for the influence of social media on the constitution of the individual. The human being constitutes his inner world through the historical and social process, being the subjectivity the only way that each individual has to see himself and the world in which he is inserted. Objective: How the social ideal can generate malaise in the subjective process of black people and how this malaise influences group identity. The malaise is understood as a constant deprivation of individual desires in favor of a collective. The social ideal is related to a normative model, chosen according to the culture/group, which can generate anguish and discomfort as the individuals who integrate a certain culture/group do not correspond to the stipulated standard. Black people, aloof from the socially postulated ideal, experience several negative feelings, such as inferiority and low self-esteem. One of the responses is the formation of militant groups, which point through the conscience of racism to the emancipation of the black population, recovering the cultural originality through the struggles and resistances, enabling belonging, freedom and representation socially silenced quienes.

Keywords: *racism, psychoanalysis, malaise, social ideal, society.*



1. Introdução

O racismo pode ser compreendido como uma ideologia que permeia as relações humanas, sustentada pela crença de que determinada raça é inferior à outra, isto é, uma construção social utilizada para dominação dos que são considerados inferiores e manutenção de privilégios concebidos aos considerados superiores. Tal crença sustenta a inferioridade do negro, extorquindo desse valor, potenciais e garantias de cidadania (Costa & Scarcelli 2016; Nunes, 2014; Schucman, 2012; Nunes, & Costa, 2018; Antunes & Zuin, 2008; Crochík, 2012 citado em Benedito & Fernandes 2020).

Embora Freud não tenha dedicado uma obra sobre a singularidade da população negra, por meio de algumas de suas obras podemos “compreender” como a sociedade se posiciona frente a essas questões e como o próprio indivíduo “consegue” lidar com este fenômeno que é o racismo. Para Freud (1913/1996c) a psicanálise pode servir de instrumento de pesquisa tanto para questões individuais quanto para questões sociais, à medida que esta última se organiza por meio das necessidades dos sujeitos que nela estão inseridos em regular seus impulsos instituais não satisfeitos e a frequente tentativa de evitar o desprazer produzido pela realidade.

Nesse sentido a primeira obra de Freud que aproximou psicanálise e a psicologia social foi seu artigo “Totem e Tabu” (1913/1914/1996b), no qual se propôs a investigar a origem da civilização e consequentemente a organização social. Assim o fio condutor de sua pesquisa se

encontrava em duas palavras o Totem e o Tabu. Nesse sentido o Totem³ era visto como um objeto relacionado à superstição ou crenças passadas de geração em geração, onde os sujeitos nutriam sentimentos de respeito e temor, como visto nas religiões. E o Tabu⁴ correspondia a algo relacionado à proibição, sagrado, mistérios, ou como um conjunto de leis formuladas pelos próprios povos.

E para elucidar sua investigação, Freud usa como exemplo os povos primitivos em que desde muito tempo o pai era considerado o líder de um grupo, do qual tinha plena autonomia para se relacionar com as mulheres do grupo, entre outros privilégios. A interpretação psicanalítica feita pelo autor sobre o objeto totêmico é na verdade um pai. Seus filhos homens ao serem privados de se relacionarem com as mulheres do grupo se rebelam contra esse pai autoritário matando-o como forma de tomarem para si tudo que ele representava socialmente. No entanto os irmãos perceberam que só conseguiram realizar tal ato, por estarem em grupo (Freud, 1913/1914/1996b).

Ocupar o lugar desse pai seria impossível visto que todos compartilhavam do mesmo desejo, lhes restando à única alternativa: dividir entre si todos os privilégios desse pai. Freud denuncia que desse acordo social decorre a censura ao incesto, uma vez que, para Freud o Totem seria substituto desse pai, tendo como função manter a vontade do pai vivo mesmo após sua morte, o totem ao retornar como religião instaura o Tabu do incesto. A organização social sucede então das

³Para Frazer (1910) citado em Freud (1913) O totemismo, constitui tanto uma religião como um sistema social.

⁴Wundt 1906 citado em Freud 1913 descreve o tabu como o código de leis não escrito mais antigo do homem.



renúncias individuais em prol de um coletivo (Freud, 1913/1914/1996b).

Mais tarde em “Mal- Estar na Civilização” (1930), Freud elucida como a civilização induz as essas renúncias, o mesmo teoriza que viver em civilização requer incessante renúncias dos instintos individuais, pelo objeto totêmico e por meio de restrições impostas dos tabus e leis sociais. Onde a culpa por tais renúncia se manifestam através do sentimento de mal-estar (p.84). O sujeito é levado a abrir mão de suas vontades em prol de segurança promovida por suas renúncias, como pode ser visto em pessoas negras que são coagidas a negarem sua negritude em troca de inclusão social.

Freud ao estudar a origem da civilização, já evidenciava que em toda sociedade existe um modelo a ser seguido, nos primórdios da civilização era o Pai da Horda esse modelo, em que os filhos buscaram mecanismos para tornarem esse modelo, como o fenômeno do parricídio. Esse fenômeno surge como resposta ao mal-estar gerado pelo não pertencimento, de uma pequena parcela da população aos padrões estipulados, o modelo normativo de branquitude. Hoje essa busca ainda faz vítimas, esse ideal vem deixando marcas cada vez mais profundas nos sujeitos que não fazem parte desde modelo ideal, onde se aproximar do ideal branco, tem um preço muito alto a se pagar: a total autorrejeição (Munanga 2020 p. 41).

Em consonância com essa linha argumentativa Fenon em “Pele negra máscaras brancas” (1952/2008b), elucida como a vivência de um homem de cor, em uma sociedade predominantemente branca, pode acarretar danos psíquicos. O autor adverte que a civilização branca, diga-se europeia, impõe a negação do corpo negro, à medida que esta retira do plano real a possibilidade do negro entrar em contato

com a sua originalidade cultural, desse modo para fugir do sentimento de inferioridade e culpa o negro rejeita seu corpo. Visto que o mundo real branco forja uma elaboração corporal fragmentada, devido à falta de figuras identificatórias. O autor salienta que uma criança negra “ficará anormal ao menor contato com o mundo branco” (Fanon 1952/2008c, p, 129).

Freud em “Psicologia de grupo e análise do Ego” Freud (1921/1996) preconizava que o indivíduo em grupo deixa de lado o seu próprio ideal em detrimento de um ideal coletivo. O mesmo ressalta que quando o ideal do indivíduo e o ideal imposto pelo meio social coincidem, resulta em um sentimento de vitória por parte do indivíduo, como por exemplo, indivíduos brancos em uma sociedade predominantemente branca. Na mesma obra enfatiza quando esse ideal social não corresponde ao ideal do indivíduo, o mesmo vivencia um sentimento de culpa e de menos valia, como no caso dos negros em uma sociedade predominantemente branca (Freud 1921/1996 p, 82).

Mais tarde Souza em “Tornar-se Negro” (1983), faz uma leitura sociológica da identidade do negro no Brasil por meios dos fundamentos psicanalíticos. A autora enfatiza em seu estudo a concepção de “ideal de ego branco” apresentado pelo negro (p, 34) não se limitando ao tom de pele, e sim de um ideal cercado de privilégios, de direitos, em decorrência de sua raça, de sua posição social, do seu credo. Dito isso o negro busca um “ideal de ego branco, compatível com a cultura”, mas não com a sua realidade, visto que tornar-se branco é impossível (Souza, 1983 citado em Sales, 2019 p. 110).

Autores como Munanga (2020) e Fanon (1952/2008b), adverte que para se tornar parte desse ideal normativo branco, pessoas negras, tentam de todas as formas



assimilarem os valores culturais brancos, tradições brancas, estilo de vida branca, como: “vestir-se como europeu, consumindo alimentação estrangeiras, tão cara em relação ao seu salário” (Munanga 2020 p. 36; Silva, 2017a), ou se relacionando com pessoas brancas na ilusão de se tornarem menos negros.

Esta revisão de literatura integrativa teve por objetivo, a partir de a vertente

psicanalítica investigar de que maneira o ideal social pode gerar mal-estar no processo subjetivo de pessoas negras e como esse mal-estar pode influenciar a identidade de grupo. Visto que mais da metade da população brasileira é composta por negros e os ideais institucionalizados são brancos, torna-se indispensável à investigação de tal efeito na subjetividade da população mais afetada por tal diversidade.

2. Material e método

Foi realizada uma revisão integrativa de literatura. Que para Botelho, Cunha & Macedo (2011), a revisão integrativa consiste em permitir o rastreamento dos caminhos percorridos até os resultados obtidos pelo pesquisador de forma criteriosa. Com efeito, possibilitar sua replicação. Dito isso, a partir dos conceitos de ideal social, processo de subjetivação e identidade de grupo buscou-se por meio da psicanálise compreender o racismo como fator de subjetivação psíquica.

2.1. Instrumento e modo de análise

Para confecção desse trabalho, foi utilizado um Notebook, artigos científicos, livros de referência sobre a temática e a elaboração de quadro de análise dos resultados. Na busca, foram utilizadas as palavras-chaves: Racismo, Psicanálise e

Ideal Social, em artigos publicados em língua portuguesa, no período entre 2010 a 2020 e revisados por pares. Na Scielo retornaram (14) artigos, Lilacs (35) e Pepsic (10). Após leitura dos resumos foram excluídos (21) repetidos, (13) incompletos e (14) estudos que não incluíam a psicologia social. Seguiu-se leitura na íntegra dos artigos sendo excluídos os artigos que abordava preconceitos que não o racial, restando ao final (10) que compõem os resultados da pesquisa.

2.2. Resultado

Apresenta-se abaixo a tabela com a relação das publicações selecionadas e os principais resultados seguindo-se a discussão dos resultados.

Tabela 1. Artigos Selecionados

Bases	Autor/Ano	Título	Objetivo	Método
Scielo	Araújo R.S (2020)	Uma Lei Contra o Crime Escravista e o Mal-Estar da Abolição	Discutir a necessidade de se instaurar uma legislação penal adequada que enquadre o	O método utilizado neste artigo se inspira da antropologia psicanalítica de S. Freud e pretende



			escravismo transatlântico na história do Brasil.	analisar fatos históricos tendo como referência principalmente os textos metapsicológicos.
Pepsic	Barreto, & Ceccarelli (2018)	Considerações psicanalíticas sobre preconceito racial: um estudo de caso	O texto traz reflexões sobre as relações raciais entre brancos e negros no Brasil, e seus desdobramentos psíquicos na construção subjetiva de sujeitos negros.	Utilizou-se uma pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas, com dois estudantes da UFPA: uma estudante de nacionalidade brasileira e um estudante de nacionalidade guineense, vítimas de preconceito racial.
SciELO	Benedito, M. D. S., & Fernandes, M. I. A. (2020)	Psicologia e Racismo: as Heranças da Clínica Psicológica.	Investigar como profissionais no campo da clínica psicológica identificam (ou não) problemas relacionados ao racismo ao analisar como atuam diante dessa problemática.	Através de entrevistas abertas, baseadas nos pressupostos de Bleger, foram realizadas com três profissionais que atuam com dispositivos clínicos em serviços públicos e privados na região metropolitana de São Paulo.
Lilacs	Bilenk, Marina K. (2014)	Vergonha: sofrimento e dignidade	Investigar os sentimentos de vergonha e culpa, visto que a investigação destes passa despercebida dentro da clínica.	Investigar e desenvolver uma escuta ativa para abrir espaço aos conteúdos inconscientes encobertos pelo sentimento de vergonha.
SciELO	Danfá, L. (2020)	Violência Civilizacional e Colonial no Olhar de Frantz Fanon e Sigmund Freud	Visou-se discutir a violência na sua relação com o nascimento da civilização e projeto colonial no pensamento de Freud e Fanon.	Primeiro se investiga construção da civilização europeia e a cultura ocidental tem sido marcado pela violência. Segundo sobre a violência colonial articulado com a raça. E por último discute-se “contraviolência”.
SciELO	Ferreira, R. F., & Camargo, A. C. (2011).	As relações cotidianas e a construção da identidade negra	O objetivo deste trabalho foi evidenciar alguns processos aos quais pessoas negras estão submetidas na construção de sua identidade, enfatizando aqueles que ocorrem em situações cotidianas principalmente na família, na escola e no trabalho.	Baseado em alguns depoimentos, principalmente no de Lígia, mulher negra, 34 anos, professora de uma escola pública.
SciELO	Klautau, P. (2017).	O método psicanalítico e suas extensões: escutando jovens	Visou-se discutir o trabalho de construção de espaços de escuta para	Foram configuradas duas modalidades de intervenção, desenvolvidas no âmbito



		em situação de vulnerabilidade social.	jovens em situação de vulnerabilidade social.	individual e grupal, nomeadas, respectivamente, papo reto e tá na roda.
Lilacs	Lima, P. M., & Lima, S. C. de. (2020)	Psicanálise Crítica: A Escuta do Sofrimento Psíquico e suas Implicações Sociopolíticas	A partir da análise do conceito freudiano de mal-estar e do contrato narcísico de Aulagnier, investigaram-se as lógicas estabelecidas entre o sujeito e a conjuntura social.	Foram realizadas entrevistas individuais, cuja escuta clínica nos propiciou compreender as implicações sociais e políticas do sofrimento psíquico do sujeito em desamparo social.
SciELO	Rosa, E. G., & Alves, M. C. (2020)	Estilhaçando a Máscara do Silenciamento: Movimentos de (Re)Existência de Estudantes negros e negras.	Compreender os movimentos de (re) existência de estudantes negros e negras em meio à invisibilidade e o silenciamento impostos pelo racismo.	A construção do corpus de análise se deu a partir da realização de entrevistas abertas, gravadas em áudio e transcritas. Participaram das entrevistas quatro estudantes negros e negras.
Lilacs	Sirelli, N. M., & Maurano, D. (2018).	Função e campo do recalque e do luto no contexto da cultura: reflexões sobre o racismo, o banzo e o blues	O presente artigo parte da concepção de memória na psicanálise freudiana, visando discutir a dialética lembrança-esquecimento mais especificamente no contexto da cultura.	Averiguar a singular relação entre o esquecimento e o trabalho de luto, para daí apreender suas consequências tanto para o sujeito quanto para a cultura.

3. Análise de dados

O ideal social diz respeito a um modelo normativo, eleito de acordo com a cultura. Este ideal pode ser gerador de angústia a medida, que os indivíduos que compõe determinada cultura não correspondem ao padrão estipulado (Souza 1983; Fanon 1952/2008c; Freud 1930/1996). A fim de melhor elucidar as questões propostas no início deste estudo, serão apresentadas a seguir as categorias explicativas

3.1 Mito Totêmico como gerador do Mal-Estar

Como apontado por Freud em Totem e Tabu (1913/1914/1996b) a

organização social sucedeu de um contrato social, onde alguns grupos detinham o poder absoluto sobre os demais, concentrando todos os privilégios para si, isto é, se mantendo como os únicos mercedores de gozo social. Desse modo o ideal social vem ocupar o lugar da figura paterna defendida por Freud à medida que o pai desfruta de todos os seus desejos, relegando a seus filhos esse direito.

Este contrato social se atualiza de acordo com a cultura a fim de hierarquizar as relações humanas existentes, ou seja, apenas uma parcela da população goza de direitos, benefícios e privilégios vindos do



contexto de capital social a outra parcela, é privada das mais diversas formas de existir, onde se impera as exclusões, e mazelas sociais, (Pacheco 2015; Silva, 2017a; Ferraz et al. 2019; Quijano 2005; 2007 citado em Rosa & Alves, 2020; Danfá 2020).

Em consonância com essa linha argumentativa Benedito e Fernandes, (2020), cunham o conceito de alianças inconscientes para sustentar a ideia de que alguns conteúdos não simbolizados por determinada geração são transmitidos a próxima sem elaboração, o racismo ao ser considerado como tabu socialmente tanto quem pratica, quanto quem é vítima o mantém silenciado. Nesse sentido Sirelli e Maurano (2018), advertem que a negação e esse não querer saber sustenta o sintoma social do racismo, fazendo emergir no tecido social uma constante repetição do racismo estrutural.

O mito da democracia concebe aos grupos dominantes um alibi perfeito, para justificar as atrocidades promovidas por eles, por intermédio da crença de que o grupo dominado não sofre tanto assim, afinal “o racismo de cor não existe” (Barros, 2014 p. 126). Para alguns autores a ilusão de igualdade social, e a disseminação da noção de meritocracia, têm o papel fundamental no processo de naturalização das desigualdades sociais (James, 2010 citado em Danfá, 2020; Pacheco, 2015; Nogueira, 2017; Silva, 2017b; Sirelli & Maurano, 2018; Sales 2019; Araújo, 2020; Benedito & Fernandes, 2020; Lima, 2019).

Por meio desse mito totêmico, tem-se a ilusão de um pai bondoso e cordial, uma vez que mantém determinados segmentos sociais, coagidos dominados e com a falsa sensação de proteção, retirando as possibilidades desses de ascensão social e se perceberem enquanto alvo de desigualdades sociais, isto é, quando o

indivíduo desconhece o lugar que ocupa socialmente, a culpa por não atingir determinados ideais recai sobre si. Jacinto (2017, citado em Araújo, 2020; Silva, 2017b) defende que esse mito dificulta a percepção, mantendo à perpetuação do racismo. Portanto o mito da Democracia Racial se configura como Totem à medida que camufla o tabu do racismo e mantém o grupo dominante como únicos detentores de privilégios sociais.

3.2 Mal- Estar Expresso na Negritude

Tentar ser o que não se é tem seu preço, Freud em “Mal-Estar na Civilização” (1930), teoriza que o indivíduo em civilização experimenta o mal-estar devido a renúncias dos desejos individuais, isto é, ser amado e acolhido em prol de segurança promovidas por suas renúncias, ou seja, indivíduo rejeita o que de fato é: indivíduo negro em prol de um coletivo, com ideal de ego branco. No entanto Freud na mesma obra adverte que essa renúncia não cessa o sentimento de culpa pelo contrário acarreta infelicidade externa. Desse modo o não pertencimento e a falta de acessibilidade social acarretam uma perda identitária.

Sales (2019) e Araújo (2020) frisam que o mal-estar ocasionado pelas nuances do racismo, faz com que a população negra tenha dificuldade em nomear o conflito ocasionado pela constante exposição ao racismo, dessa forma o indivíduo fica suscetível a saídas melancólicas, e para compreendermos como são essas saídas, precisamos recorrer ao conceito de melancolia, cunhado por Freud (1915-1917). O autor ressalta que a melancolia diz respeito a uma perda objetual, diferente do luto que é uma perda de algo no plano do “real”, na melancolia o sujeito não sabe o que perdeu (p. 144).



Em “Luto e Melancolia” (1915-1917) Freud salienta que o sujeito se identifica com o objeto perdido. Pensando em pessoas negras, esse objeto ideal, se encontra no olhar materno, onde na socialização primária à mãe lançava a esse bebê um olhar de ternura e amor, o que deixa de existir quando essa criança sai para a socialização secundária, isto é, lugares que estão além do seu círculo familiar como a escola. Ao não se identificar com o olhar do outro para si de forma positiva, acarreta em uma confusão identitária (Fanon 1952/2008c; Silva, 2017a; Barreto & Ceccarelli, 2018; Lima, P & Lima, C., 2020).

Santos (1983) define essa falta de reconhecimento como “Punição do Superego” (p. 40). Ao se confrontar com a impossibilidade de corresponder a esse ideal, cai em melancolia, nutrindo sentimentos vergonha, de inferioridade e perda da autoestima, como forma de punição por não alcançar esse ideal de amor (Freud 1915-1917 p. 144). Fanon (1952/2008c) salienta que uma criança negra “ficará anormal ao menor contato com o mundo branco” (p, 129), pois essa não se reconhece mais com o outro, com um mundo que nada tem se seguro.

A angústia seria, portanto o equívoco entre o imaginário e o real, pois na dimensão imaginária o sujeito tem a ideia de possuir no mundo real alguma semelhança com o meio que está inserido, o que não ocorre quando esse ideal parte de uma pessoa negra em uma sociedade branca Nicácio (2020). A ressonância deste equívoco se verifica em dois níveis, o social, pois não há uma identificação com um objeto que o represente e por fim na rejeição do próprio corpo pelo sujeito negro, isto é, vai à busca de um objeto substitutivo, amando tudo que representa o seu ideal de ego (Souza, 1983; Bilenky,

2014; Silva, 2017b; Silva Júnior, 2017; Klatau 2017; Sirelli & Maurano, 2018; Kilomba, 2020; Rosa & Alves, 2020; P. Lima & S. Lima, 2020).

Para Bilenky (2014) e Kilomba (2020a) a vergonha é um sentimento social, que se constitui por meio do olhar do outro, sendo o medo do ridículo, do fracasso, ocorrendo quando esse outro consegue enxergar suas “imperfeições”. Se tratando de sujeitos negros a vergonha se deriva da sua cor, pois esta anuncia sua “imperfeição” perante o padrão estipulado branco, e é essa impossibilidade de embranquecer que faz com que o sujeito se sinta envergonhado (Silva, 2017a).

Klatau (2017) adverte que uma vez percebido o ambiente como promovedor de vulnerabilidade social, tem-se o retorno do traumático, sujeitos negros ao se depararem com a gritante falha do ambiente em protegê-los como seres humanos que são, impera-se o sentimento de medo, insegurança e angústia. A colocação dos referidos autores dialogam com Fanon (1952/2008 citado em Sales, 2019; Silva, 2017a), ao salientarem que o racismo ao privar o sujeito negro de participar ativamente no mundo, impulsiona o retraimento e consequentemente sentimento de impotência. Visto que são estes corpos os alvos mais atingidos pelas mazelas e desigualdades sociais (Silva, 2017a; Sales, 2019 p. 111; Rosa & Alves, 2020).

Como nos lembra, Kilomba (2020b), os mecanismos de defesa têm a função de “proteger o ego dos conflitos do mundo externo” (p.235) onde o ego visa obter gratificação real, de seus desejos dominando o meio social que está inserida. O caminho que o negro muitas vezes traça se dá pela negação de sua cor e tudo que lhe define como negro, uma vez que a negação o impede de lidar com a consciência de sua



negritude, isto é a cor deixa de ser substantiva e sim adjetivadora.

Nogueira (2017) defende que o processo subjetivo enfrentado por pessoas negras, é confuso, salvo que o desejo de ser branco implica na negação de sua existência no plano real, “o esforço para alcançar o branco exigia total autorrejeição” (Munanga, 2020). Guiados pelo princípio de prazer o sujeito não consegue distinguir o real e os simbólicos, nega e rejeita na realidade o que define como sujeito negro, ancorado na crença de quanto mais próximo a esse ideal, menos sofrera (Freud, 1925 citado em Barros 2014; Ferreira & Camargo, 2011; Silva Júnior, 2017; Silva, 2017b; Silva, 2005 citado em Rosa & Alves 2020).

Bilenky (2014) defende que a culpa ao contrário da vergonha não tem interrelação com o olhar do outro, desse modo, enquanto o sujeito não tiver consciência das nuances do racismo, como algo estrutural, mais culpado e inclinado ao desejo de embranquecimento este será. Isto porque ser negro está associada às diversos aspectos negativos, e por pertencer a esse grupo e evitar o contato com essa “realidade” alimentam raiva e desprezo por seus semelhantes, pois estes denunciam a sua “imperfeição” (Silva, 2017b).

3.3 Mal- Estar como retorno do Parricídio.

Freud anuncia em “Moisés e o Monoteísmo” (1938) que o fenômeno do parricídio ressurgirá década após década em busca de realização. Esse fenômeno surge como resposta ao mal-estar gerado pelo não pertencimento, de uma pequena parcela da população aos padrões estipulados. Dessa forma compreende-se que este fenômeno se fez presente na formação de quilombos, onde escravos,

inconformados com o sistema escravagista decidem se unir em prol de direitos e liberdade (Sirelli, & Maurano, 2018). Hoje este fenômeno regressa em forma dos grupos militantes, através do qual se reivindica a emancipação da população negra.

Munanga, (2020) adverte que nem todos os negros são alienados, evidenciou que alguns povos mantiveram a originalidade cultural preservada, como se pode observar nos movimentos negros atuais em que a arte, cultura a comida e a história são disseminadas pelo grupo. A luta por emancipação só é possível através do retorno à historicidade, em que esse movimento permite o encontro com uma fonte de orgulho de suas raízes, de sua cor, de ser negro (Barreto & Ceccarelli, 2018; Munanga, 2020). Por meio de crises desperta-se nos negros desejos de afirmação, a “negritude aspira poder” (Munanga, 2020 p. 52).

Desse modo frente aos ataques sofridos pela população negra, falta de segurança, vulnerabilidade social, fomenta-se a violência contra opressor (Freud, 1927/1947; Fanon, 2004 citado em Danfá, 2020). Para os referidos autores a privação de gozo social nutre sentimentos de hostilidade, em que as classes desprivilegiadas se libertam por meio de reações agressivas. Nessa perspectiva a violência ocupa um lugar emancipador visto que para tal é preciso união das pessoas acometidas por estas violações, isto é um grupo, através do qual o indivíduo encontra o seu lugar e é reconhecido por este (Fanon, 2004 citado em Danfá, 2020; Barreto & Ceccarelli, 2018).

A luta e prática antirracista emergem como resposta aos diversos ataques sofridos socialmente por negros/negras, com o intuito de romper o silêncio instaurado pelo mito da democracia racial, onde a falta de diálogo



mantem o status quo de dominação e alienação. O movimento negro luta por igualdade de direitos, acesso à saúde educação, oportunidades iguais no mercado de trabalho. Para que as potencialidades do indivíduo sejam reconhecidas é necessário que os seus desejos e vontades sejam legitimados pelo outro (Pacheco, 2015; Carreiro, 2003; Honneth, 2003 citado em Klautau, 2017; Barreto & Ceccarelli, 2018).

Gomes (2003 citado em Moreira, Santos & Siqueira, 2020), ressalta que a identidade negra proporciona

pertencimento, mas também gera a exclusão social. Para os autores é necessário compreender que a vivência negra é permeada de significados e ressignificados. E que por meio de trocas simbólicas é possível situar a relação da identidade negra em conjunto de um “nós” (p,7), através do qual o sentimento de pertencimento se amplia. Para Kilomba (2019, citado em Rosa & Alves, 2020) pertencer está intrinsecamente ligado ao fato de ser ouvido.

4. Considerações finais

Mediante o exposto o objetivo deste trabalho não foi justificar o porquê o racismo existe, e sim trazer contribuições acerca de como ele se mantém se constitui e reverbera na vivência de pessoas negras. O trabalho se ateve a discussão teórica apoiada na produção textual limitada devido

à ênfase em vertentes antropológicas e sociológicas. Ficando aqui o convite para estudos empíricos que verifiquem os conceitos aqui cunhados, e a criação de ferramentas que possibilitem a amenização do mal-estar apresentado.

Referência

Araújo, R. S. (2020). Uma Lei Contra o Crime Escravista e o Mal-Estar da Abolição. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-14. Recuperado em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/WqwxrLhBkGfcpGqCPYJX4pL/abstract/?lang=pt>.

Barreto, R & Ceccarelli, P. R. (2018). Considerações psicanalíticas sobre preconceito racial: um estudo de caso. *Estudos de Psicanálise*, 50, 145-154. Recuperado em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000200016&lng=pt&tlng=pt

Barros, M. (2014). “Não somos racistas”: uma contrarreação calcada em “A negativa” freudiana. *Psicologia*

Argumento, 32 (77), 121-128. Recuperado em:

Benedito, M. D. S., & Fernandes, M. I. A. (2020). Psicologia e Racismo: as Heranças da Clínica Psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40(SPE). Recuperado em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932020000500301&script=sci_arttext&tlng=pt

Bilenky, M. K. (2014). Vergonha: sofrimento e dignidade. *Ide*, 37(58), 133-145. Recuperado em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000200012&lng=pt&tlng=pt.

Botelho, L. L. R., de Almeida Cunha, C. C., & Macedo, M. (2011). O método da revisão



integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e sociedade*, 5(11), 121-136. https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=O+m%C3%A9to+da+revis%C3%A3o+integrativa+nos+estudos+organizacionais.+Gest%C3%A3o+e+sociedade%2C+&btnG=

Danfá, L. (2020). Violência Civilizacional e Colonial no Olhar de Frantz Fanon e Sigmund Freud. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40(n.spe), 1-14. Recuperado em <https://doi.org/10.1890/1982-3703003230245>

Fanon. F. (2008a). O negro e a linguagem. In: Siqueira. R. & Gordon. L. *Pele Negra Máscaras Brancas* (pp. 33-). Salvador, EDUFBA (Trabalho original publicado em 1952). (Edição Digital). Doi: [Pele negra mascarar brancas -Frantz Fanon \(1\).pdf](#)

Fanon. F. (2008b). A Experiência Vivida do Negro. In: Siqueira. R. & Gordon. L. *Pele Negra Máscaras Brancas* (pp. 104-110). Salvador, EDUFBA (Trabalho original publicado em 1952). (Edição digital). Doi: [Pele negra mascarar brancas -Frantz Fanon \(1\).pdf](#)

Fanon. F. (2008c). O Preto e a Psicopatologia. In: Siqueira. R. & Gordon. L. *Pele Negra Máscaras Brancas* (p. 129 -). Salvador, EDUFBA (Trabalho original publicado em 1952). (Edição digital). Doi: [Pele negra mascarar brancas -Frantz Fanon \(1\).pdf](#)

Ferraz, I. T., Wonsoski, W. & Ribeiro, (2019, Julho). Os efeitos do racismo: de uma patologia do social ao adoecimento psíquico. *III Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: Desafios Contemporâneos*. Londrina PR.

Ferreira, R. F., & Camargo, A. C. (2011). As relações cotidianas e a construção da identidade negra. *Psicologia: ciência e profissão*, 31(2), 374-389. Recuperado em:

<https://doi.org/10.1890/S1414-98932011000200013>

Freud, S. (1996a). O Horror Ao Incesto. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XII (p. 9). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1913). (Edição digital). Doi: [*FREUD, Sigmund. Obras Completas \(Imago\) - Vol. 13 \(1913-1914\).pdf](#)

Freud, S. (1996b). Tabu e Ambivalência Emocional. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XII (pp.19-21). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1913/1914). (Edição digital). Doi: [*FREUD, Sigmund. Obras Completas \(Imago\) - Vol. 13 \(1913-1914\).pdf](#)

Freud, S. (1996c). O Retorno do Totemismo na Infância. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XII (pp.77-102). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1913/1914). (Edição digital). Doi: [*FREUD, Sigmund. Obras Completas \(Imago\) - Vol. 13 \(1913-1914\).pdf](#)

Freud, S. (1996d). O interesse Científico da Psicanálise. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XII (p. 130). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1913). (Edição Digital). Doi: [*FREUD, Sigmund. Obras Completas \(Imago\) - Vol. 13 \(1913-1914\).pdf](#)

Freud, S. (1996). Luto e Melancolia. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XII (pp.144-147). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1915/1917). (Edição digital). Doi: [*FREUD, Sigmund. Obras Completas \(Imago\) - vol.14 \(1914-1916\).pdf](#)



Freud, S. (1996). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XVIII (pp. 49-82). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1921). (Edição digital). Doi: [freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-18-1920-1922.pdf](https://doi.org/10.1890/1982-3703003190256)

Freud, S. (1996). Mal- Estar na Civilização. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XXI (pp. 63-85). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1929/1930). (Edição digital). Doi: [*FREUD VOL 21 MAL -ESTAR NA CIVILIZAÇÃO.pdf](https://doi.org/10.5020/23590777)

Freud, S. (1996). Moises e o Monoteísmo. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XXIII (pp. 55-75) Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1937/1939). (Edição digital). Doi: [*FREUD-sigmund-obras-completas-imago-vol-23-1937-1939.pdf](https://doi.org/10.1890/1418-4714.2017v20n1p113.8)

Kilomba, G. (2020a). A Máscara. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (p.45) Editora Cobogó.

Kilomba, G. (2020b). *Descolonizando o Eu. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. (p.235) Editora Cobogó.

Klautau, P. (2017). O método psicanalítico e suas extensões: escutando jovens em situação de vulnerabilidade social. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20(1), 113-127. Recuperado em: <https://doi.org/10.1890/1418-4714.2017v20n1p113.8> .

Lima, P. M., & Lima, S. C. de. (2020). Psicanálise Crítica: A Escuta do Sofrimento Psíquico e suas Implicações Sociopolíticas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40(1). 1-18. Recuperado em:

<https://doi.org/10.1890/1982-3703003190256>

Lima, M. E. O. (2019). O Que Há De Novo no "Novo" Racismo Do Brasil? *REPECULT-Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura*, 4(7), 187-177. Recuperado em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/REPECULT/article/view/317>

Moreira, J. O., Siqueira, F. G., Santos, A. P., & Silva, A. C. (2020). Psicanálise e uma Ontologia Política Identitária: Leitura sobre a Expressão "Cultura Negra". *Revista Subjetividades*, 21(2), 1-13. Recuperado em: <http://doi.org/10.5020/23590777>

Munanga, K. (2020). Tentativas de Assimilação dos Valores Culturais do Branco. *Negritude Usos e Sentidos* (pp 31-40). Coleção: Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica

Munanga, K. (2020). O Negro Recusa a Assimilação. *Negritude Usos e Sentidos*. Coleção: Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica

Nicácio, J. (2020). O racismo antinegro, a psicanálise e a subjetividade da nossa época no Brasil. *Afro-Ásia*, 62 (1), 484 – 494. Recuperado em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasi/article/view/42891/24129>.

Nogueira, I. B. (2017). Cor e Inconsciente. In: N. M. Kon, M. L. Silva, & Abud C. C. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: Questões Para a Psicanálise* (pp. 121-126). Perspectiva.

Pacheco, L. C. (2015). Racismo cordial - manifestação da discriminação racial à brasileira - o domínio público e o privado. *Revista De Psicologia*, 2(1), 137-144. Recuperado em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/82>



Rosa, E. G., & Alves, M. C. (2020). Estilhaçando a Máscara do Silenciamento: Movimentos de (Re)Existência de Estudantes Negros/Negras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40(spe), 1-14. Recuperado em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/d5kWsM4mt5fPmjnPMPRYJKS/?format=pdf&lang=pt>. Recuperado em <https://doi.org/10.1890/1982-3703003229978>.

Sales, J. (2019). O Mito Negro e o Processo de Constituição Subjetiva. *Racismo no Brasil: Um Olhar Psicanalítico*, Rio de Janeiro: Autografia, 71-107.

Silva Júnior, R. M (2017) Racismo, Uma Leitura. In: N. M. Kon, M. L. Silva, & Abud C. C. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: Questões Para a Psicanálise* (p.160 - 178). Perspectiva

Silva, M. L. D. (2017a). Racismo no Brasil: Questões para psicanalistas brasileiros. *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva.

Silva, P. H. S. (2017b). Racismo, mal-estar e crise: a-brancura na estrutura do Estado.

Rizoma: experiências interdisciplinares em ciências humanas e sociais aplicadas. 2 (3), (pp.269-283). Recuperado em: https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Silva%2C+P.+H.+S.+%282017%29.+Racismo%2C+mal-estar+e+crise%3A+a-brancura+na+estrutura+do+Estado.+Rizoma%3A+experi%C3%AAncias+interdisciplinares+em+ci%C3%AAncias+humanas+e+sociais+aplicadas.+&btnG=.

Sirelli, N. M., & Maurano, D. (2018). Função e campo do recalque e do luto no contexto da cultura: reflexões sobre o racismo, o banzo e o blues. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 21(2), 158-168. Recuperado em: <https://doi.org/10.1590/s1516-14982018002002>

Souza, N. S. (1983). Narcisismo e Ideal do Ego. *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal.

Recebido em: 26/11/2021

Aceito em: 28/12/2021

Nome: Janaína Carneiro Dias

Email: jdayz.psi@gmail.com

Endereço para correspondência: Rua BV 13, Qd 50

Lt 05 S/N. Boa Vista, Goiânia -Go CEP: 74477439



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)